

ANÁLISE DA DINÂMICA TERRITORIAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA (RMC)

Zeno Soares Crocetti
UFSC/UNIBEM/AGB-Curitiba
crocetti@pq.cnpq.br

Os boletins de Análise Conjuntural do IPARDES de 1996, 2000 e 2005 comprovaram, com dados reais, que 70% dos investimentos feitos no Paraná ficam na Grande Curitiba.

Dos investimentos listados pelo IPARDES, o maior é na área metal-mecânica com US\$ 3,649 bilhões e, na área de material de transportes, com US\$ 3,029 bilhões. Já na área de material de transportes, o investimento foi de 100% da RMC, conforme o estudo, e o metal-mecânica mais de 90% também na RMC. Já o investimento agroindustrial, de quase US\$ 1 bilhão (para ser exato US\$ 987,3 milhões), se dirigiu ao interior do Estado. Nesse caso, urge não esquecer que no eixo Curitiba/Ponta Grossa está o maior parque das indústrias de beneficiamento de oleaginosas da América Latina. Há um adicional nesse quadro, que alcança US\$ 4,753 bilhões, que trata de inversões privadas diretamente ligadas à produção. Esses totais excluem programações de investimentos em infra-estrutura de energia elétrica, telecomunicações, transportes e distribuição de petróleo que no conjunto superam US\$ 4 bilhões. Ficaram de fora também algumas intenções de investimento de longo prazo manifestadas pela Renault, Klabin e Electrolux, totalizando quase US\$ 1 bilhão. Somando tudo, chega-se aos US\$ 12 bilhões, que, segundo o ex-governador Jaime Lerner, iria gerar 180 mil empregos. O quadro a que nos referimos é do setor industrial porque a expressão da agricultura e a do extrativismo (setor primário) são de pouco significado no conjunto metropolitano e zerada em Curitiba. Junte-se a isso o potencial do setor terciário (comércio, transportes, serviços), que agregam mais capitais e trabalho e teremos idéia ainda mais forte do desequilíbrio.

O Paraná só será uma unidade integrada e forte se houver não apenas distribuição mais equilibrada desses investimentos, mas uma ação mais coordenada pela difusão do bem-estar.

Reproduzir o modelo paulista não provará racionalidade e inteligência de nossa parte e muito menos confirmará a expectativa de alguns poucos mal informados com a proclamada criatividade do nosso ex-governador. O Paraná talvez ganhe, no entanto,

num aspecto: o de superar em sua economia a condição de complementaridade da paulista.

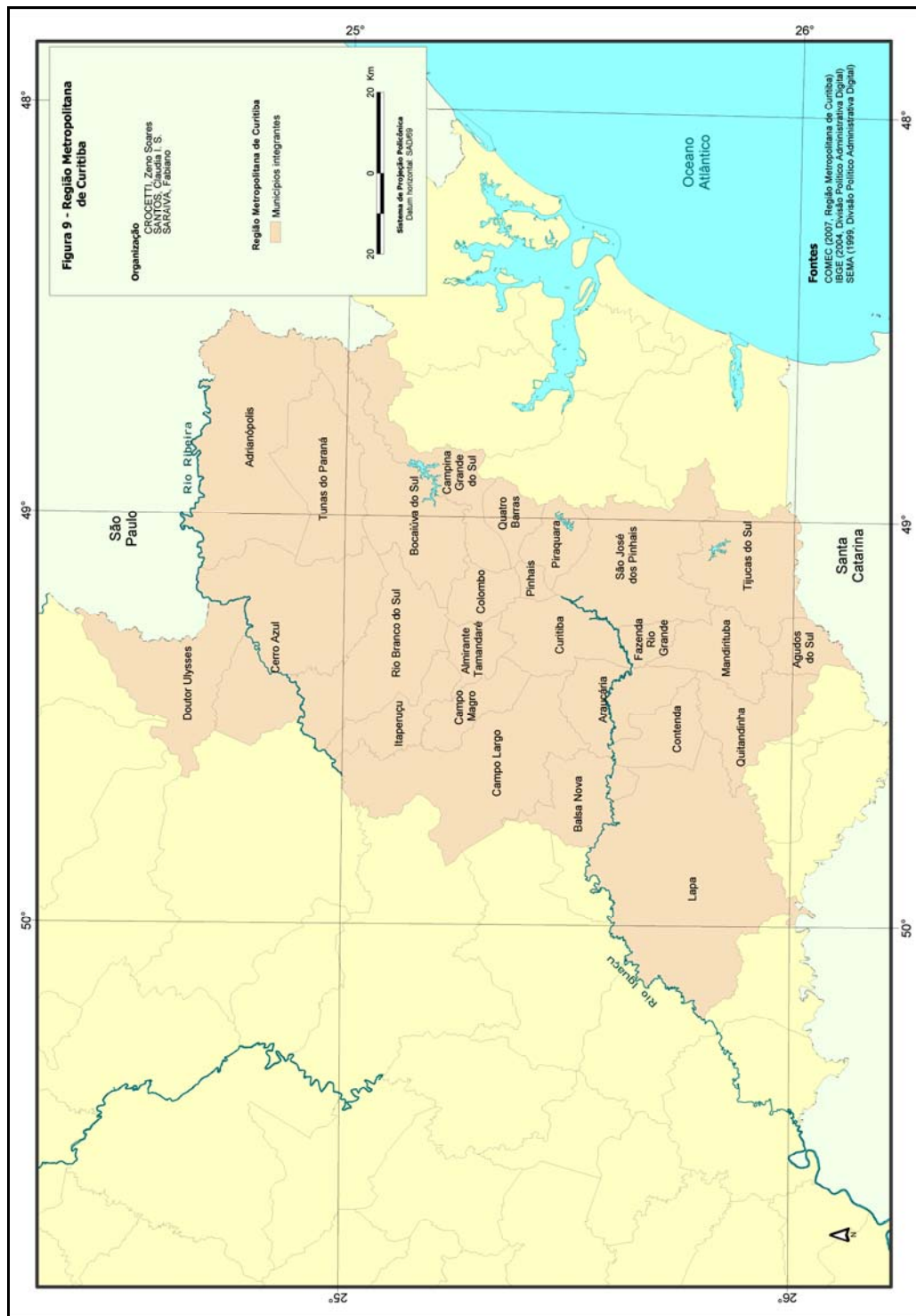


FIGURA 1. Região Metropolitana de Curitiba.
Fonte: COMEC, 2007.

Recentemente (IPARDES, 2005: p. 3-12) saiu uma publicação sobre o PIB (Produto Interno Bruto) estadual, que reafirma a concentração da economia na Grande Curitiba: 22% do total do PIB paranaense estão justamente concentrados na RMC. Antes houve aquela outra revelação, num estudo da revista Exame sobre potencial de

consumo: a capital paranaense detinha 24% de tudo o que se consumia no sul do país. Isso torna a situação mais perversa, já que, em Santa Catarina, Joinville saía à frente com 9%, seguida de Florianópolis com 8%, o que indica uma irradiação mais distributiva. Também a distância entre Curitiba e Londrina era maior do que a estabelecida entre Porto Alegre e Caxias do Sul: a ex-capital do café aparecia com 5%.

TABELA 1 - INVESTIMENTOS NO PARANÁ 1995-2000.

Setor	Valor milhões de US \$
Serviços públicos	7.007,60
Transporte e armazenagem	4.757,80
Mercado Financeiro	3.567,00
Autopeças e montadoras	3.104,40
Metalurgia/Têxtil/Bebidas	1.395,95
Madeira/Móveis/Papel	1.150,00
Alimentos	936,30
Petroquímica/Construção	573,60
Eletroeletrônica/informática	431,50
Outras	229,20
Total Geral	23.153,35

Fonte: IPARDES, IBGE e Gazeta Mercantil, 2002. Elaboração CROCETTI, 2007.

Na partilha do ICMS, a Grande Curitiba aparece com quase dois terços. Não é para espantar, já que os fatores locais, que pesam hoje nas escolhas das montadoras, são visíveis no agregado da Cidade Industrial acoplada ao distrito fabril de Araucária, onde opera ainda o pólo petroquímico. Araucária e São José dos Pinhais ficam com uma parte ponderável das rendas públicas.

TABELA 2 - Intenções de Investimento Segundo Municípios da RMC - 1995-2000.

Município	Intenção de Investimentos (%)	Investimentos Programados (%)
São José dos Pinhais	21,4	45,8
Curitiba	33,1	20,8
Campo Largo	4,8	16,4
Araucária	13,1	9,8
Campina Grande do Sul	4,8	1,4
Quatro Barras	6,2	1,2
Mandirituba	4,1	1,2
Piraquara	2,1	0,8
Fazenda Rio Grande	2,1	0,7
Balsa Nova	0,7	0,6
Rio Branco do Sul	0,7	0,6
Pinhais	4,1	0,4
Colombo	1,4	0,2
Lapa	0,7	0,1
Agudos do Sul	0,7	0,0
TOTAL RMC	100,0	100,0

FONTE: IPARDES, MOURA, 2004.

Retornamos à análise dos estudos do IPARDES sobre o “Perfil dos Investimentos Industriais no Paraná”. Há três gêneros em que o interior sobrepuja a Região Metropolitana: a agroindústria (80,48% contra 19,52%), madeira/mobiliário (90,48%) e bebidas (75,68%). Há um equilibrado, levemente beneficiando o interior:

produtos de matérias plásticas (51,72% dos investimentos). Há os de 100% na RMC como minerais não metálicos, material de transportes, perfumaria e gráfica. Interpretando os demais: material elétrico e de comunicações (96,75% na RMC), mecânica (95,38%), metalurgia (88,89%), química (86,25%).

O IBGE, com a sua neutralidade numérica, vem mostrando que estamos às vésperas do caos, com um cinturão de miséria envolvendo cada uma das cidades da região metropolitana de Curitiba.

O ponto relevante é que, nos últimos anos, o capital industrial ganhou enorme mobilidade. Com os níveis de automação atuais, é possível transferir fábricas de um ponto a outro do país e do mundo em um piscar de olhos. Se um estado atrai determinada empresa com incentivos fiscais, no momento em que cessarem os incentivos, ou estados competidores igualarem as condições oferecidas, a empresa simplesmente abandonará o estado inicial, como aconteceu no caso da FORD no Rio Grande do Sul, que se transferiu para a Bahia.

3.1.2. Acumulação Produtiva Flexível na RMC

Vamos analisar e diagnosticar os dados sobre a Região Metropolitana de Curitiba (RMC), onde pretendemos interpretar as intervenções na economia globalizada no território e a espacialização neste do novo padrão de *Acumulação Produtiva Flexível*, esta caracterizada por mudanças profundas no paradigma capitalista tecnológico vigente na fase fordista/taylorista, da organização da produção e do trabalho, que aprofundaram e transformaram o nexo entre as dinâmicas, urbana (espacial) e econômica (territorial). A interconexão global entre os mercados cambiais e financeiros e o aprofundamento da internacionalização produtiva, a reorganização do modelo empresarial e tecnológico, a formação de redes empresariais e a tendência à terceirização trouxeram importantes mudanças nos padrões locais. Esse novo padrão de acumulação, alicerçado em um fluxo contínuo de inovações tecnológicas e demanda de novos serviços, impõe que as cidades adaptem sua infra-estrutura e seu meio sócio-profissional como condição para o desenvolvimento dessa nova base material. A presença ou ausência desses requisitos poderá determinar a constituição de pólos dinâmicos da economia globalizada ou poderá relegar à concentração de atividades de baixa qualificação, realimentando um processo de exclusão social e econômica.

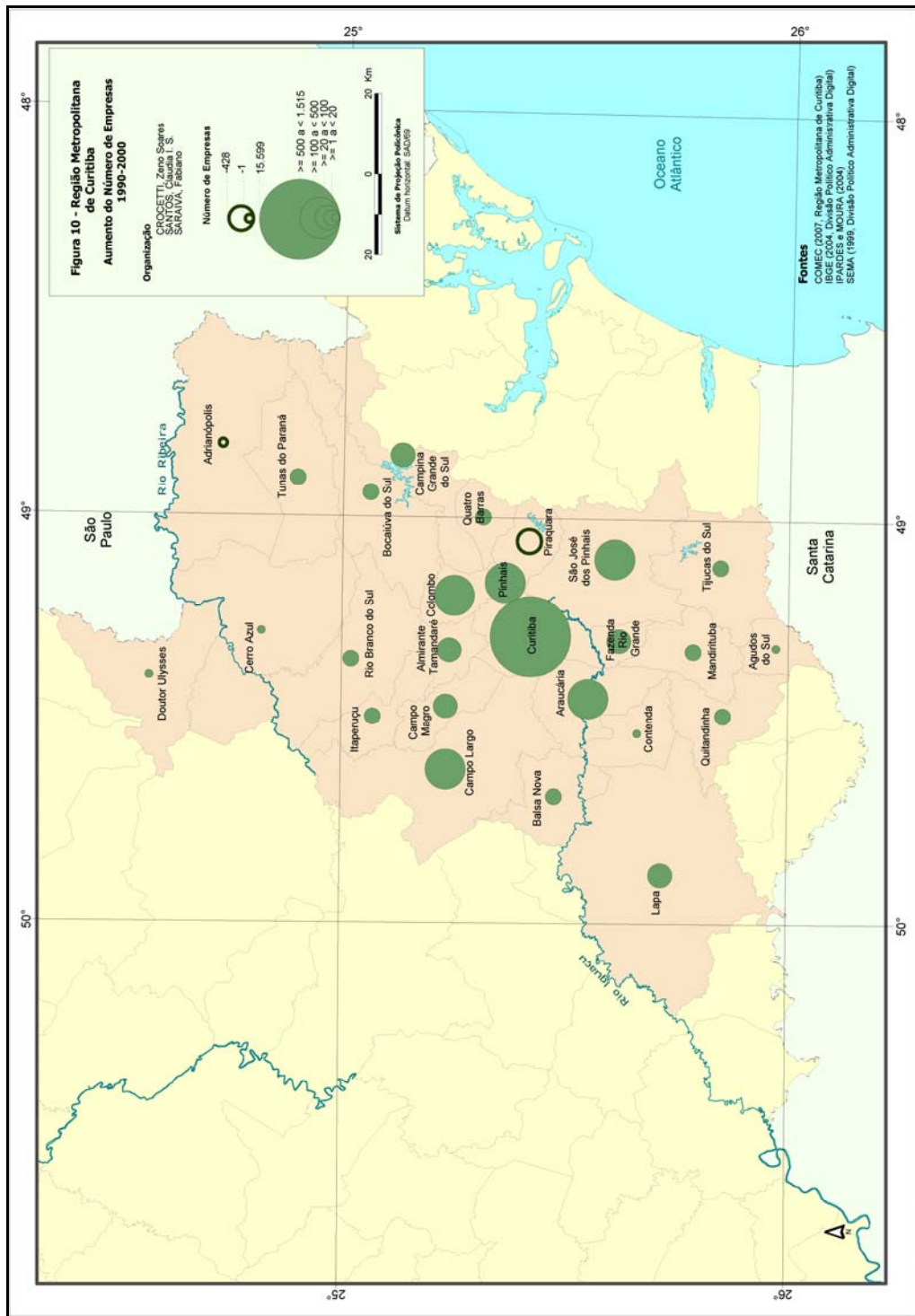


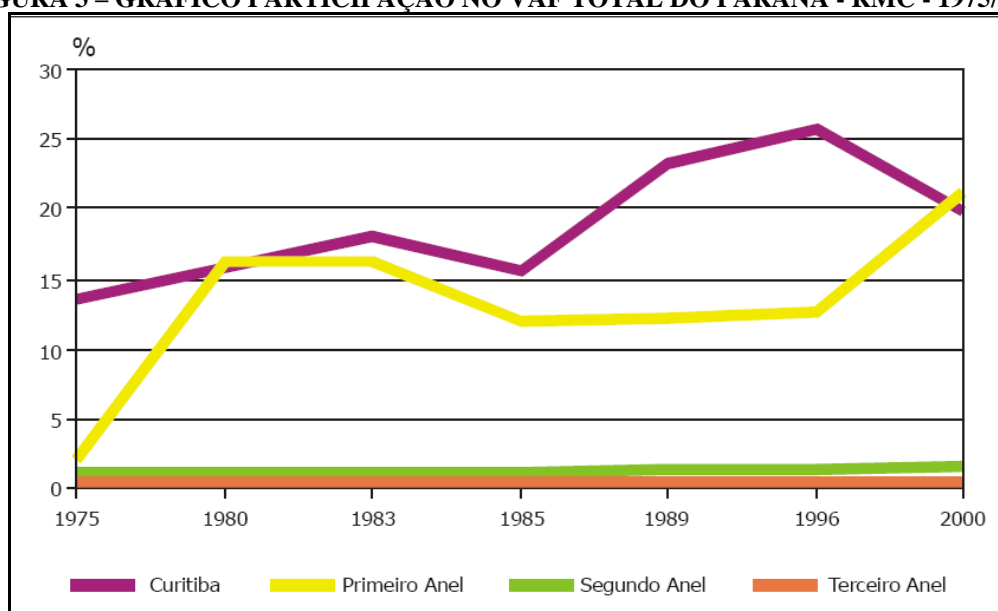
FIGURA 2: Mapa da RMC Empresas 1990-2000. FONTE: IPARDES e MOURA 2004.

Para compreender os efeitos desse processo, além da vertente de análise da reestruturação econômica, ao fazer análise do espaço geográfico em determinada escala de tempo, iremos utilizar das combinações que se articulam para explorar o meio. As combinações geográficas oferecem localização especial (CHOLLEY: 1964), sendo ainda aquelas que apresentam caráter dinâmico e contribuem para criar no meio onde se articulam um meio particular, e, ao se articular, criam no meio um caráter de estabilidade, de duração ou renovação periódica. As velhas combinações são

substituídas pelas novas, conduzindo o sistema a novos rearranjos econômicos, até que surjam combinações mais dinâmicas e dominem no tempo e no espaço, visto que não há hipótese de que as combinações sejam eternas. Dessas afirmações de Cholley, podemos compreender a dinâmica cíclica das combinações, além do mais, fica bem clara, em suas teorias, a alternância da importância dos fatores que compõem uma determinada combinação.

Nossa análise vai se basear nas interpretações feitas pelo IPARDES, através de seus pesquisadores, principalmente no trabalho de (MOURA: 2004). O trabalho analisa os efeitos da reestruturação produtiva da economia global sobre a dinâmica da economia metropolitana de Curitiba, procedendo a uma rápida retrospectiva na emergência e consolidação desse espaço no cenário econômico paranaense. Com maior detalhe, analisa o movimento da participação dos municípios da RMC no Valor Adicionado Fiscal (VAF) total e setorial do estado do Paraná; avalia as mudanças na estrutura ocupacional e na distribuição das empresas nesses municípios, com base em informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS); discute a desconcentração da atividade industrial, a partir da aplicação do índice de concentração Hirschman-Herfindal (HH)¹ sobre o VAF; e tece considerações sobre as mudanças no processo de configuração espacial das atividades econômicas na RMC. (MOURA: 2004)

FIGURA 3 – GRÁFICO PARTICIPAÇÃO NO VAF TOTAL DO PARANÁ - RMC - 1975/2000.



FONTE: SEFA/IPARDES, MOURA: 2004.

¹ O (HH) é um indicador de concentração, que varia entre 0 (nenhuma concentração) e 100 (concentração plena). Sua fórmula é dada pela soma dos quadrados da participação no conjunto de uma população: $HH = \sum w_i^2$, em que w_i = participação relativa de cada unidade no conjunto da população. No presente caso, o indicador está mensurando a concentração do VAF entre os municípios da RMC, de forma escalonada, retirando gradativamente do cálculo os municípios maiores.

Delimitam como área específica de análise os 26 municípios que compõem atualmente a RMC, que foi instituída originalmente pela Lei Complementar Federal 14/73 e redefinida por legislações estaduais, configurando um território extenso e bastante heterogêneo.² Por essa circunstância, a análise é particularizada conforme recortes a partir de classificações em uso no IPARDES, definidas com referência no grau de inserção dos municípios na dinâmica metropolitana (MOURA: 1998, DELGADO, et al.: 2004). Tais classificações sintetizadas na figura de anéis de combinações concêntricas foram compostas com o objetivo de identificar distintas relações entre os municípios oficialmente inseridos no território político-administrativo da RMC, já que os critérios de inserção não implicam aderência ao fenômeno metropolitano. No caso da RMC, esse fenômeno ocorre numa espacialidade central e diminuta, considerando a extensão da Região. Essa territorialização, que reúne o pólo dinâmico e as porções urbanizadas de seus limítrofes, circunscreve a dinâmica metropolitana e formata o aglomerado real.

Além dessa combinação dinâmica que forma o pólo, que concentra 57,3% da população da RMC em dados de 2000. Surge uma segunda combinação formando um primeiro anel, limítrofe ao pólo, que concentra 35,1% da população, sendo composto por municípios que, numa mancha contínua de ocupação, formam com Curitiba o aglomerado metropolitano (Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais)³. Entre os demais municípios, podemos distinguir uma segunda combinação formando um segundo anel, com 3,6% da população, composto por municípios limítrofes ao aglomerado, mas que não descrevem continuidade de ocupação e apenas estabelecem relações tênues com o pólo e com os demais municípios do aglomerado (Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Contenda, Itaperuçu, Mandirituba, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná); e uma terceira combinação de municípios alocadas ao norte e ao sul do segundo anel, com 3,8% dos habitantes da Região, desempenhando atividades rurais e que mantêm relações ainda mais tênues com o aglomerado metropolitano, integrados aos limites regionais por força de legislações

² Vale destacar que a RMC é o recorte central da mesorregião Metropolitana de Curitiba, que, conforme delimitação do IBGE, compõe-se dos 26 municípios da Região Metropolitana de Curitiba, oficialmente instituída, além dos municípios do litoral paranaense e de municípios, ao sul da RMC, na divisa com o estado de Santa Catarina, integrando um total de 37 municípios em 2000.

³ As tabelas e mapas foram organizados de forma a destacar os recortes correspondentes às combinações geográficas, e as inter-relações entre o meio físico, biológico e o meio social no aglomerado metropolitano, bem como a apresentar as informações também agregadas para esse aglomerado. As análises, no entanto, privilegiam os recortes dos "anéis" evitando a influência das informações do pólo sobre os demais municípios do aglomerado.

estaduais recentes (Adrianópolis, Agudos do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Lapa, Quitandinha e Tijucas do Sul), formando o que se chamou de terceiro anel (figura 4).

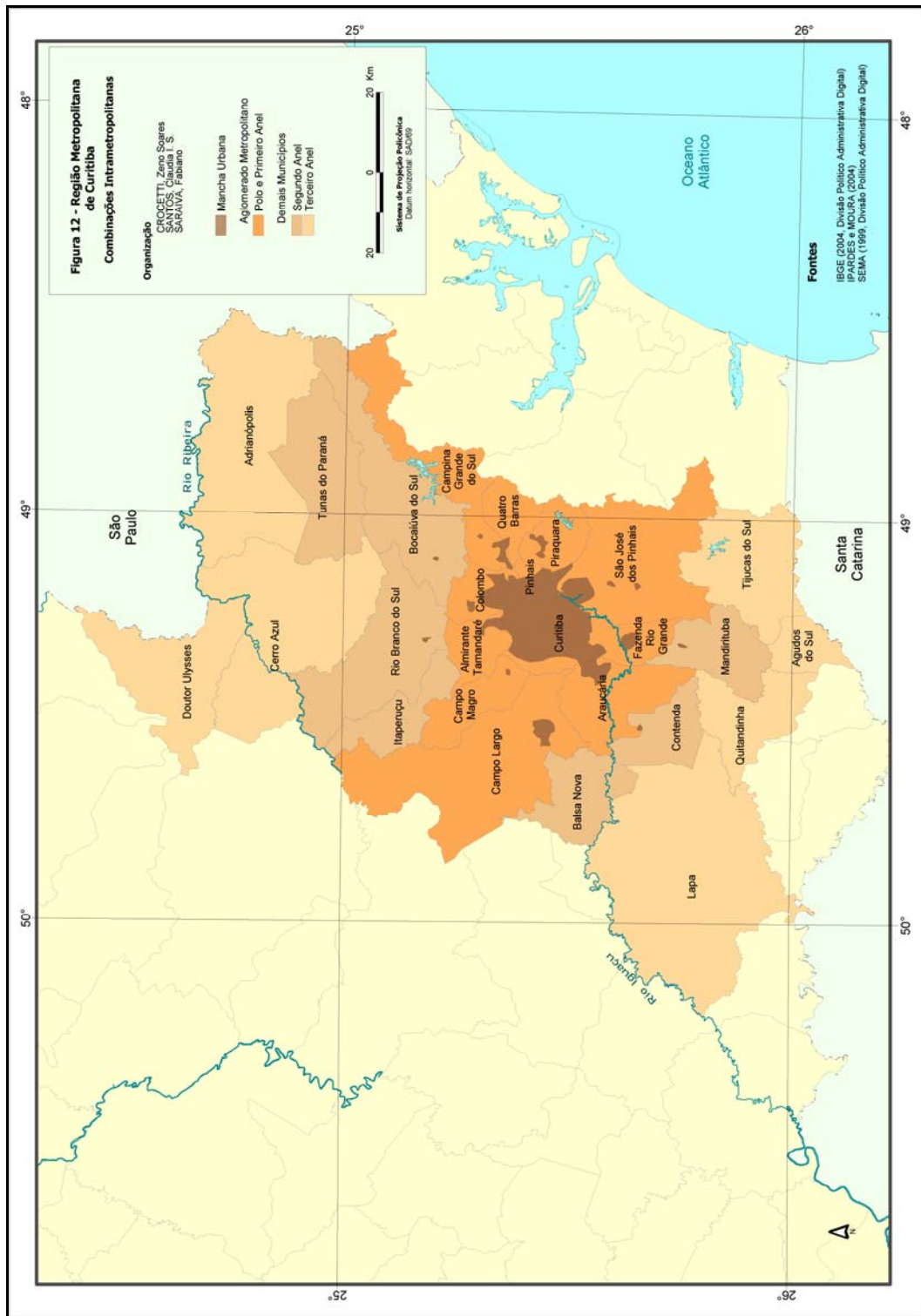


FIGURA 4: Mapa da RMC, COMEC, 2007.

O recorte temporal tem como referência um período abrangente, entre 1970 e 2000, por considerar que ele incorpora grandes transformações da base produtiva paranaense; porém aprofunda-se na análise da última década, período em que houve intensificação do processo de integração e internacionalização da economia.

TABELA 3 - PARTICIPAÇÃO NO VAF TOTAL DO PARANÁ - RMC - 1975-2000

ÁREA	% DO VAF TOTAL							
	Anos	1975	1980	1983	1985	1989	1996	2000
Aglomerado Metropolitano		15,568	31,907	34,252	27,536	35,310	38,367	41,123
Curitiba		13,474	15,763	18,093	15,617	23,214	25,669	19,892
Primeiro anel		2,094	16,144	16,158	11,919	12,096	12,698	21,231
Segundo anel		1,117	1,107	1,100	1,069	1,300	1,308	1,508
Terceiro anel		0,371	0,467	0,380	0,496	0,415	0,416	0,412
TOTAL RMC		17,056	33,481	35,731	29,101	37,025	40,091	43,043

FONTE: SEFA/IPARDES/MOURA: 2004.

As atividades do Setor Primário, que em 1970 respondiam por mais de 40% do VAF gerado no Estado, progressivamente foram superadas pelas do Setor Secundário, que consolidou sua participação, atingindo, em 2000, 49,96% dessa renda da economia.

A agricultura, em 2000, respondeu por 13,7% do VAF do Estado, mantendo, contudo, papel relevante, dada a dinâmica multiplicadora na cadeia produtiva. Em 2000, 80,45% do valor bruto da produção agropecuária do Paraná corresponderam à produção de soja, trigo, algodão e milho – importantes como *commodities* e base do segmento agroindustrial de primeiro processamento, bem como dos insumos à cadeia protéico-animal (IPARDES, 2003).

Numa dinâmica paralela e inversa à observada pelo Setor Agropecuário, os segmentos da indústria moderna da metal-mecânica lideraram uma mudança qualitativa na estrutura industrial do Paraná, centrada no aglomerado metropolitano de Curitiba. (MOURA: 2004)

Como resultado da maturação de investimentos dos anos 70, realizados por mecanismos institucionais de estímulo à atividade produtiva, oriundos do extinto Banco do Desenvolvimento do Paraná (BADEP) e Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), os segmentos da metal-mecânica passaram a apresentar os maiores ganhos no valor adicionado da indústria de transformação.

As mudanças dos anos 70 e 80 refletiram a vinda de grandes grupos, porém com poucas empresas de grande porte. Até então, não constituíam um parque de fornecedores nem desenvolviam relações inter-setoriais mais expressivas.

Ao final dos anos 80, a economia paranaense atingiu um patamar qualitativamente distinto, reunindo pré-condições para o desempenho nos anos 90. Em termos de relações de troca, cresceu significativamente seu grau de inserção na economia brasileira e na economia internacional, dinamizando as vendas e compras nesses mercados também ampliados e atribuindo importância a produtos dos segmentos mais modernos em detrimento dos tradicionais.

Na década de 90, essa estrutura industrial incorporou novos segmentos e, desse modo, criou nova dinâmica no Paraná. Particularmente, a economia paranaense

aproveitou-se, em meados da década, das condições macroeconômicas favoráveis (estabilização monetária, retorno do investimento direto estrangeiro etc.). Ao programar uma política de atração industrial, baseada no resgate do FDE, que se combina a importantes vantagens locais endógenas, como proximidades do mercado do sudeste e de portos tais como Paranaguá, Antonina, Ponta Felix e São Francisco, e com oferta de infra-estrutura em termos de energia, telecomunicações, aeroporto internacional, ferrovias e rodovias.

Esse conjunto de fatores propiciou um ciclo de expansão de empresas de grande porte no estado, em particular das sediadas na RMC, além da introdução de segmentos modernos. Nesse sentido, destaca-se a instalação de grandes montadoras (Renault, com investimentos de US\$ 1,12 bilhão; Volkswagen/Audi, com US\$ 750 milhões; e Chrysler, com investimentos de US\$ 315 milhões – esta já tendo encerrado suas atividades),⁴ e a expansão das atividades de empresas já existentes (Volvo, New Holland, Krone e Bosch).

3.1.2. O Impacto da Acumulação Flexível na RMC

A Região Metropolitana Curitiba tem aproximadamente entre 110 a 200 mil desempregados (2007), dependendo das metodologias aplicadas por IPARDES ou DIEESE.

A região cresceu a taxas médias de 6% ao ano, elevando em muito seu Produto Interno Bruto, como podemos verificar na tabela 11, no período de 1975/80, (época da implantação da CIC por Lerner). Vemos no VAF do primeiro anel conurbado a Curitiba, um salto de +- 700%, mesmo no período de recessão da fase “B” do Kondratieff no Brasil. Já o município de Curitiba no mesmo período só cresceu 100%.

TABELA 4 – Paraná Maiores Municípios em População 2000/07

Município	Altitude	Fundação	População 2000	População 2007	Urbana (%)	Área (km ²)
Curitiba	934	1693	1.587.315	1.788.559	100	430,9
Londrina	585	1934	447.065	495.696	97	1.728,7
Maringá	596	1951	288.653	324.397	98	490,9
Ponta Grossa	969	1855	273.616	304.973	97	2.067,9
Foz do Iguaçu	164	1914	258.543	309.113	97	590,3
Cascavel	781	1951	245.369	284.083	91	2.065,8
S. J. dos Pinhais	906	1852	204.316	261.125	88	931,7
Colombo	1027	1890	183.329	231.787	94	159,1

⁴ A unidade da Chrysler instalada em 1998 foi desativada em 2001. Em 2002, a Tecumseh comprou as instalações e implantou uma fábrica de motores a combustão. Que vem passando por dificuldades operacionais, juntamente com a Tritec, *joint venture* firmada em 1.997 entre a BMW e a Chrysler, que anunciou a venda da planta para chinesa Lifan Group em 2007, que, segundo especulações, deverá ser fechada e transferida para China.

Guarapuava	1098	1882	155.161	157.012	88	3.160,1
Paranaguá	5	1648	127.339	130.410	94	807,1
Apucarana	820	1943	107.827	113.507	91	556,8
Pinhais	893	1993	102.985	104.936*	94	60,7

FONTE: IBGE Censo 2000, contagem 2007. Elaboração CROCETTI, 2007.

* Foi ultrapassada por Toledo e Araucária respectivamente em 2007.

No período de 1996/2000, também no governo Lerner, auge de transferências de investimentos e implantação de novas plantas industriais, Curitiba teve um recuo no VAF, em 30%; já o primeiro anel conurbado um salto de 67%. Precisamos entender por que este crescimento, ao invés de trazer distribuição de renda e vida digna para todos, trouxe, sim, um caos urbano, pobreza, moradias precárias, agressão ao meio ambiente, desrespeito aos direitos humanos e aumento da criminalidade, gerando um custo por que todos temos que pagar.

QUADRO 1 – Potencial de Consumo em 2003.

Potencial de Consumo 2003		
Município	Concentração PIB	Potencial de Consumo Sul
Curitiba	17,00 %	24,0 %
RMC	38,52 %	43,0 %
Londrina	03,88 %	05,0 %
Maringá	02,60 %	05,0 %
Araucária	10,08 %	06,0 %
São José	05,50 %	03,0 %
Joinville	–	10,3 %
Florianópolis	–	09,5 %
Porto Alegre	–	20,5 %
Caxias do Sul	–	11,3 %

FONTE: IBGE/IPARDES e Revista Exame, 2003. Dados não disponíveis – CROCETTI, 2007.

Em 1994, a RMC tinha 1.5 milhões de pessoas aproximadamente. Hoje, em 2007, passados 13 anos, possui em torno de 3 milhões, aumento este deflagrado pelo atrativo feito por um *marketing* agressivo, o que, em sua tese de doutorado, a arquiteta Fernanda Sánchez Garcia, batizou de *city marketing*. E também em sua tese de doutorado Dennison de Oliveira chamou de “Curitiba Mito da Cidade Modelo”, propaganda enganosa feita no governo Lerner à exaustão.

Ancorada principalmente na indústria automobilística e outras empresas internacionais, beneficiadas por crédito e política fiscal facilitada, em detrimento de setores internos tradicionais que acabaram quebrando (verificar quadro 1), trariam emprego em massa e era a alternativa para libertar o Paraná do sinônimo de estado agrícola. E teve como fator desestruturante a falta de apoio à agricultura familiar e a recessão, que trouxe migração com urbanização violenta e concentração da terra.

O setor público acabou se tornando um mero articulador da acumulação de capital privado. Aqui – para poucos, é claro –, pois foi implantado um modelo de desenvolvimento que de forma autoritária não respeitou princípios básicos da democracia e da livre iniciativa, com a construção de uma sociedade com mercado fruto da concorrência leal, onde todos ganhassem os benefícios de forma igual.

TABELA 5 – Concentração Renda

Concentração Renda Municípios Paraná 2003				
Município	PIB R\$ Valor adicionado	Porcentagem Relação PR	Posição	População
Curitiba	12.842.517.134	16,06	1)	1.587.315
Araucária	8.623.694.753	10,08	14)	86.111
S. José dos Pinhais	4.387.827.996	05,50	7)	204.316
Foz do Iguaçu	4.065.176.543	05,08	5)	258.543
Londrina	3.108.995.750	03,88	2)	447.065
Ponta Grossa	2.713.932.517	03,39	4)	273.616
Maringá	2.072.924.358	02,60	3)	288.653
Cascavel	1.562.594.602	01,96	6)	245.369
Paranaguá	1.169.497.160	01,46	10)	127.339
Guarapuava	1.162.949.668	01,45	9)	155.161
Pinhais	849.931.129	01,06	12)	102.985
Colombo	573.808.815	00,72	8)	183.329
Apucarana	552.678.632	00,69	11)	107.827
Total RMC	30.801.269.729	38,52	25	2.768.434
Total Paraná	79.974.311.391	100	399	9.563.458

FONTE: IBGE/IPARDES, 2006. Elaboração CROCETTI, 2007.

Mas além do impacto sobre a população e o setor empresarial, o setor público também foi atingido. A maioria dos municípios da região metropolitana teve um aumento de sua população maior que o dobro, enquanto os seus orçamentos não cresceram, pois se transformaram em cidades dormitórios, daquelas que tiveram a implantação de plantas industriais. Portanto, não estavam preparados para pagar o custo gerado por estes erros, e oferecer infra-estrutura e equipamentos públicos, com objetivo de dar vida digna para as pessoas.

Assim, o processo de implantação do modelo de desenvolvimento e de atração de investimentos sem a participação da sociedade foi mal planejado pelo governo neoliberal do Lerner e beneficiou alguns agentes públicos e do setor empresarial com a especulação imobiliária, controle do transporte coletivo, da coleta do lixo, concessão de rodovias públicas, entre outros; gerando uma ocupação territorial desordenada, com altos índices de desemprego, desencadeando aumento de criminalidade, moradia precária e em lugares impróprios (mananciais), degradação ambiental, pobreza e

agregação aos direitos humanos, gerando um custo que os municípios não estavam preparados e nem têm condições de pagar.

Em fevereiro de 2006, o HSBC decidiu instalar na cidade seu terceiro centro mundial de tecnologia, para desenvolver e exportar soluções para os 77 países onde atua, e isso foi motivo de comemoração. Os outros dois centros ficam na China e na Índia. Os investimentos iniciais do banco para passar a produzir em novo endereço somarão cerca de R\$ 12 milhões em 2006. O anúncio foi feito na prefeitura, que aproveitou para divulgar que, do total de recursos, R\$ 3,5 milhões referem-se ao benefício do ISS Tecnológico, programa que reverte parte do imposto devido para novas aplicações em pesquisa e desenvolvimento. Para 2006 serão liberados R\$ 8 milhões como incentivos fiscais do ISS Tecnológico.

TABELA 6 – EVOLUÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS NO ESTADO DO PARANÁ POR CATEGORIA DE SALÁRIO MÍNIMO (ÍNDICE) – 1995/2001

ANO	< =1 SM	1 a 3 SM	3 a 5 SM	5 a 10 SM	> 10 SM
1995	100	100	100	100	100
1996	83,63	99,56	115,58	104,97	114,69
1997	93,40	100,92	125,18	101,30	101,75
1998	94,75	105,52	124,77	104,12	96,35
1999	90,79	116,09	101,66	100,59	102,36
2001	116,27	129,25	108,14	86,80	79,72

FONTE: IBGE-PNAD /IPARDES, 2005.

O grupo curitibano Tacla Shopping está construindo aquele que será o maior *shopping center* de Curitiba e de toda a região Sul. Com investimento de R\$ 280 milhões, o Palladium deverá ficar pronto em abril de 2008 e terá como uma das principais atrações o cinema Imax, cuja tela tem o tamanho de um prédio de oito andares e que, por enquanto, na América Latina, só pode ser encontrado em Buenos Aires.

Outro diferencial será a construção anexa de uma torre de escritórios com oito mil metros quadrados de área útil e acesso pelo shopping. O empreendimento, que será voltado ao setor de serviços, como clínicas e escolas, vai proporcionar movimento adicional ao centro. A expectativa é de circular em de 1,5 milhão a 2 milhões de pessoas por mês, o dobro do giro do maior shopping da cidade atualmente, o ParkShopping Barigüi, um investimento de R\$ 200 milhões liderado pelo Grupo Multiplan.

O Shopping Estação abriga também dois teatros (um de bonecos e outro com 320 lugares) e dois museus – do perfume e de ecologia. Em dois anos, passaram pelo local mais de 800 mil pessoas de várias partes do mundo, presentes a 470 eventos entre congressos, feiras de negócios e shows. Em 2001, por exemplo, segundo dados do

Sebrae, 65 mil eventos foram realizados no Sul do Brasil. Destes, Curitiba recebeu 5 mil.

TABELA 7 – POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, ECONOMICAMENTE ATIVA, OCUPADA E DESOCUPADA, POR SEXO, E TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ANUAL - PR - 1992/2001

GRUPOS POPULACIONAIS	1992	2001	TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ANUAL 1992-2001 (%)
População em Idade ativa - PIA	6.690.179	7.937.658	1,92
Homens	3.344.414	3.907.483	1,74
Mulheres	3.345.765	4.030.175	2,09
População Economicamente Ativa - PEA	4.379.061	5.115.956	1,74
Homens	2.684.111	2.971.736	1,14
Mulheres	1.694.950	2.144.220	2,65
Ocupados	4.142.728	4.723.545	1,47
Homens	2.552.675	2.779.614	0,95
Mulheres	1.590.053	1.943.931	2,26
Desocupados	236.333	392.411	5,80
Homens	131.436	192.122	4,31
Mulheres	104.897	200.289	7,45

FONTE: IBGE-PNAD /IPARDES, 2005.

Integrado à antiga Estação Ferroviária de Curitiba, o Estação trabalha na atração de eventos para a cidade, e para isso dispõe de 25 mil metros quadrados de área construída, equipada com tecnologia e serviços inteligentes.

Flexível e multifuncional, o espaço pode ser utilizado na totalidade ou de acordo com o tamanho do evento. Foi projetado para atuar no mercado de formaturas, bailes e casamentos. Apesar do tamanho, o centro de convenções se presta a eventos pequenos. Seus espaços foram projetados para abrigar de 12 mil a 2,7 mil pessoas.

TABELA 8 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ(1) -1995-2000

ANO	SETORES (número de vagas)						Total
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
Déficit acumulado no período:							-41.534

FONTE: CAGED, TEM, IPARDES, 2006. Elaboração CROCETTI, 2007.

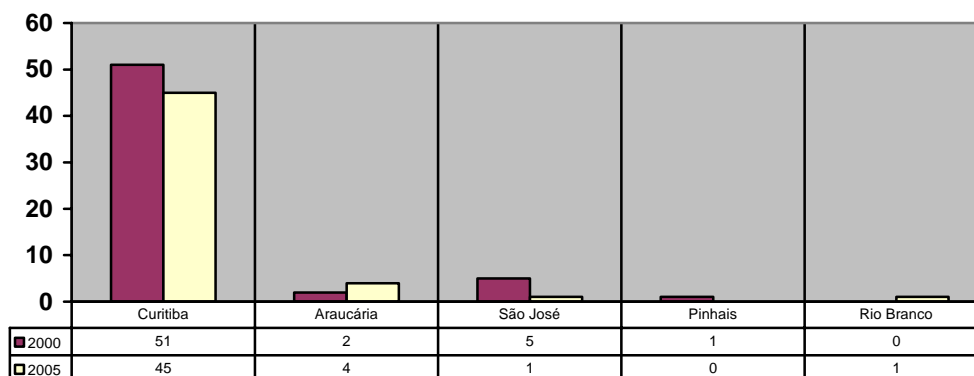
Inaugurado em março de 2004, é considerado o mais moderno e completo centro de eventos da América Latina. Para os eventos de negócios, dispõe de características pouco usuais nesses empreendimentos – tem um heliporto, por exemplo, com acesso à sala VIP, e serviço de alimentação com capacidade para 10 mil refeições.

Por sua vez, (...), *é a partir deste cenário de verdadeiro crime social que Curitiba ficou rodeada e nos traz graves conseqüências atuais e futuras, fruto de um erro na política de crédito, fiscal, de modelo de desenvolvimento e de um planejamento mal feito.* (CROCETTI, 2006: p. 28)

Só agora, com a retomada do crescimento econômico (Programa de Aceleração do Crescimento - PAC), em virtude da implementação de novas políticas fiscais e de

crédito do governo federal e estadual, têm-se gerado muito mais empregos, fruto da participação conjunta do governo, trabalhadores e empresários na construção de um novo modelo de desenvolvimento democrático para todos, e que também está trazendo investimentos do governo federal e estadual na urbanização de várias áreas onde a população foi jogada em condições subumanas. Ver tabelas 6, 7, 8 e 9.

FIGURA 5: Gráfico da concentração das 300 maiores empresas do Sul do Brasil na RMC 2002/05



FONTE: Anuário Expressão, 2006. Elaborado por Crocetti, 2007.

Essas políticas poderão resultar no adensamento do segmento metal-mecânico do gênero de transporte no estado e também a atração de grande número de fornecedores e empresas complementares.

Em termos regionais, o conjunto de políticas colocadas em prática ao longo da década de 1990 constituiu-se em elemento fundamental para a inserção do Paraná na dinâmica espacial da economia brasileira. Parte significativa dos investimentos foram no setor automotivo, com capacidade de geração de efeitos endógenos diretos e indiretos, especialmente no Setor Serviços (MACEDO et al, 2002). Mas a que custo social e econômico aos paranaenses.

Referências

- BASTOS, J. M. **Comércio no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- CHOLLEY, A. (1948) **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos**. Rio de Janeiro: BG/CNG/IBGE, 1964. BG n.ºs. 179 e 180.
- CROCETTI, Z. S. Crise na América Latina e Seus Múltiplos Territórios. **Anais da 24ª Semageo**. Curitiba: AGB-Curitiba/Letra das Artes, 2006.
- IPARDES. Fundação Edson Vieira. Análise Conjuntural, V 24-38, n.01-02, p.3-12, JAN./FEV Curitiba: 2002-2006.
- MAMIGONIAN, A. A Geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo : Hucitec, 1996, p. 198 -206.
- MARX, K. **O Capital, Volume I**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª edição.
- MOURA, R. et alii. **Dinâmica Recente da Economia e Transformações na Configuração Espacial da Região Metropolitana de Curitiba**. Curitiba: IPARDES, 2004.
- OLIVEIRA, D. de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- RANGEL, I. M. **A Dualidade Básica da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957. Escrito em 1953.
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n 54, p. 35-59, jun. 1977.